OFICINA *EXPERIMENTANDO O OLHAR QUE ESCUTA*

MÁRCIA MENDONÇA ALVES VIEIRA

Bordado em fotografia por: Márcia Mendonça Alves Vieira

Escrito por Márcia Mendonça Alves Vieira
Revisão e Prefácio: Suzy Zaparoli
Apresentação: Cleonisse Schmitt e Márcia Mendonça Alves Vieira

AGRADECIMENTOS:

Agradeço a Deus, ele sempre está comigo.

Agradeço a minha família, ao Alberto e, especialmente, aos meus filhos: Fernando, Angela e Henrique.

Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina, minha universidade!

Agradeço à Cleonisse Schmitt pelo convite para a realização da Oficina.

Agradeço à Biblioteca Pública de Santa Catarina pela parceria.

Agradeço a minha amiga querida, Suzy Zaparoli, companheira de estudos e revisora das minhas publicações.

Agradeço à Susan Mariot por me mostrar o caminho da arteterapia.

Agradeço à Aline Cancelier por me ensinar a arte do bordado.

Agradeço ao grupo de bordadeiras de Florianópolis.

PREFÁCIO

olho, embasbacada, para o punhado de linhas multicoloridas em minhas mãos. a pergunta da vendedora chega a mim como uma nova língua: “você tem bastidor?” “mas ué? e precisa?”, pensando mais uma vez que eu devia parecer digna de pena. em meio à loja de aviamentos, eu me assemelhava a um desses pássaros que, apesar de asas, não conseguem voar. não planejei aprender esta arte de trançados. eu havia me inscrito para a oficina de escrita e bordado, pensando que esta última palavra era apenas uma metáfora para o tecer das palavras. não era. coisas do percurso. a moça logo me levou ao outro lado da loja, onde havia várias estruturas circulares. “mas então é isso um bastidor...”, pensei comigo mesma me deliciando com a palavra. era aí que ia entrar em cena as linhas coloridas que eu havia escolhido.

Quando Márcia convidou-me para participar da oficina de escrita *Experimentando o olhar que escuta!*, não pensei que um mês depois me veria em meio à linhas e agulhas. Mas, naquela altura, já deveria suspeitar. O convite veio em forma de pergunta: “Qual é a origem etimológica de *texto* e *tecido*?” A relação entremeada nas palavras sempre foi objeto do olhar de Márcia que é poeta e, de um ano para cá, colocou um novo traçado: bordadeira. Busco no meu velho dicionário de latim “Sim. Tem relação. As duas provêm da mesma linha: **texo,-ere.** Tecer, entrelaçar, trançar. Fazer, construir. Escrever, compor.”. Era neste fio entremeado que Márcia queria caminhar. Não apenas porque o texto se faz trama, na construção da escrita, costurando imagens, mas principalmente pela mão que se movimenta na feitura do bordado e do texto. A questão do corpo no mundo, isto é, das sensações que chegam até nós, como elas nos afetam e como nos deixamos ser atravessados por elas, e, para além, o que fazemos com esse *sentir* a partir do movimento das mãos, foi o centro da oficina proposta por Márcia. Sua provocação inicial para a escrita foi também um nó para começar o bordar: imaginar o ouvir de um grito em meio a uma noite escura. Não um grito qualquer, mas um grito de mulher e, em nossa realidade, essa particularidade já diz muito. Esse imaginar de som desenlaçou diversos textos de diferentes formatos – contos, microcontos, poemas – os quais os olhos do leitor e leitora poderão percorrer neste livro. Mas a experiência da oficina

não ficou apenas na confecção de palavras. Além dos textos, com o ensinamento de quatro movimentos com a agulha, os participantes da oficina bordaram um desenho inscrito no tecido, a partir da própria obra poética, coisa que exigiu o debruçar-se sobre a escrita para colher aí uma imagem submersa nas tramas das letras. Movimento duplo que me lembrou Nancy: "as artes se fazem umas contra as outras."

não sabia bordar. as alquimias das mulheres de minha família eram outras. costurar remendos, isso, de forma bem desastrada, sabia. porém, tão logo estendi o tecido no bastidor, meu olho alegrou-se. havia calma nos movimentos, apesar da falta de precisão – essa veio depois, com o tempo. o desenho foi se fazendo através do movimento. havia qualquer coisa de violento naquela delicadeza do bordar. o corte da linha, o perfurar do tecido, o rasgar da trama. quando algo dava errado, era necessário refazer as costuras, assim como quando riscamos palavras do rascunho, pensando em outros estratagemas para pô-lo a funcionar.

Há sempre uma beleza no ensinar e aprender. A oficina proposta por Márcia abriu furos, espaços, para pensar a costura entre a escrita e o bordado, na medida em que muitos participantes, não tinham conhecimento das técnicas que envolviam as artimanhas de criação do escrever e do bordar. Também foi nos mostrado o valor da insistência. Pensar a linha, pensar a palavra é como aquele nó que nos deparamos e que é preciso desembaraçar para continuar o movimento. Márcia, poeta e bordadeira, foi quem me ensinou.

Suzy Zaparoli

21 de maio de 2021

APRESENTAÇÃO

O presente, e-book é resultado do relatório da oficina: *Experimentando o Olhar que Escuta*, realizado para a Biblioteca Pública de Santa Catarina (BPSC). Neste ano de 2021, um ano que todos pensavam no retornar da vida cotidiana tranquila e sem as máscaras, ele nos surpreendeu com a continuação da pandemia. Assim sendo, fez-se necessário buscar novas trajetórias para reavivar o sentimento de esperança dentro de cada coração.

A BPSC convidou a professora, escritora, poetisa e bordadeira, Márcia Mendonça Alves Vieira, para elaborar uma oficina poética de escrita, mas a ideia de unir a leitura, o bordado e a escrita foi mais instigante e a oficina realizou-se com maestria. Como resultado dessa oficina mesclada de leituras, escritas e bordados surgiu o *e-book*. Futuramente, no lugar da cicatriz causada pela pandemia, o processo poético e criativo da oficina: *Experimentando o Olhar que Escuta* estará gravado nas páginas digitais como um bálsamo que colaborou para cicatrizar a ferida. A leitura, o bordado e a escrita são remédios para este mundo, cura como um unguento derramado sobre os ferimentos doloridos, feridas visíveis e invisíveis causadas pelo Coronavírus. A saber, a arte, também tem o poder curativo.

A BPSC tem sido fundamental para a propagação deste oásis curador. Visto que, em seu ambiente físico e virtual ela disponibiliza crescentes potinhos terapêuticos para cada necessidade da comunidade. Assim sendo, o indivíduo pode realizar-se como ser humano por meio da literatura. Nesse ponto bordado e repleto de poesia, como o *e-book* da oficina *Experimentando o Olhar que Escuta,* o ser consegue curar a si mesmo. Assim sendo, a BPSC proporciona à comunidade conhecimento, diversão, fruição, acolhimento das minorias, regeneração e alimento para a mente. A BPSC tem sido um organismo vivo distribuindo vida à comunidade mediante às parcerias com professores, escritores e poeta. Desse modo, é plausível enfatizar a relevância desse gesto que produz uma riqueza de trocas de conhecimentos entre a biblioteca, facilitadores, aprendizes (que também tem uma bagagem em si de vivências para o intercâmbio com o outro). Em síntese, essa permuta proporciona uma abertura de horizontes e um contínuo aprendizado bordado na mente de

todos os participantes. Este *e-book* é a concretude dessa parceria e também um incentivo para novos desafios.

Boa Leitura!

Márcia Mendonça Alves Vieira e Cleonisse Schmitt.

Relatório da oficina:
Experimentando o Olhar que Escuta

Parceria com a Biblioteca Pública de Santa Catarina (BPSC)

Facilitadora: Márcia Mendonça Alves Vieira

A OFICINA

> Perdido seja para nós aquele dia em que não se dançou nem uma vez! E falsa seja para nós toda a verdade que não tenha sido acompanhada por uma risada!
>
> Friedrich Nietzsche

A Oficina *Experimentando o Olhar que escuta* foi gestada a partir da inquietação do leitor que se debruça, atentamente, sobre os livros de Friedrich Nietzsche. Para esse autor, o leitor e o escritor necessitam ter um terceiro ouvido, também é necessário permitir que a leitura bem como a escrita possam percorrer todos os sentidos e todos os órgãos do corpo humano. Jacques Derrida em seu livro *Margens da Filosofia* (1991) discute sobre o poder do martelo de Nietzsche e do martelo, parte interna dos ouvidos, e declara:

> Filosofar com um martelo. Zaratustra começa por se interrogar se será necessário arrebentar-lhes, romper-lhes os ouvidos (Muss man ihnen die Ohren zerchlagen), a golpes de címbalo ou de tambor, instrumentos, sempre, de uma qualquer dionísia". Para lhes ensinar também a "ouvir com os olhos. (Derrida, 1991, p. 13)

É interessantíssimo como Derrida usa a filosofia de Nietzsche e o conhecimento da fisiologia humana, ou seja, o conhecimento do corpo humano para demonstrar como "ouvir com os olhos" ou, como o nome da oficina propõe *Experimentar o olhar que escuta*. Em uma nota ao pé do livro, o autor descreve:

> o martelo, como se sabe, pertence à cadeia de ossos, a par da bigorna e do estribo. Aplica-se à face interna da membrana timpânica. O seu papel é sempre de mediação e comunicação: transmite as vibrações sonoras à cadeia de ossículos e depois ao ouvido interno. Bichat reconhecera-lhe uma outra função paradoxal. Esse ossículo protegeria o tímpano ao agir sobre ele: "Sem ele o tímpano ressentir-se-ia dolorosamente das vibrações provocadas por sons demasiado potentes". O martelo pode, portanto, amortecer as pancadas, abafá-las no limiar do ouvido interno. Este - o labirinto - inclui o vestíbulo, os canais semi-circulares, um caracol (com as suas duas rampas), dois órgãos de equilíbrio e um órgão de audição. Talvez penetremos aí mais longe. Basta recordar por agora o papel do ouvido médio; ele tende a igualar a resistência acústica do ar e a dos líquidos labirínticos, a equilibrar as pressões internas, as pressões externas. (Derrida, 1991, p. 14)

Partindo desse pressuposto, a oficina *Experimentando o Olhar que Escuta* realizou com os alunos experiências para que esse som, que é abafado pelos "ossículos", possa penetrar no labirinto e despertar os sentidos e o sentir do corpo como experiência vivida. A oficina não intencionou ter somente espectadores de um projeto de leitura/escrita/bordado, mas o objetivo foi levá-los a uma experiência para com a leitura, com a escrita e com a arte do bordado a partir de um aprendizado de desamortecer do cotidiano, embora seja neste cotidiano que o aluno e leitor podem observar tecidos para confeccionar uma nova narrativa escrita ou bordada. A proposta foi realizada por meio de música, leituras, escrita/reescrita, bordados, conversas e escrita/bordada e bordado/escrito. No limiar da palavra a linha tecia o som que era ouvido pelos olhos que viam e ouviam.

PRIMEIRO DIA DA OFICINA

A primeira aula foi realizada no dia 02 de março (para a primeira turma) e no dia 04 de março (para a segunda turma). No horário combinado os aceites para participar da oficina eram registrados. Na tela do computador a facilitadora olhava os olhinhos surpresos dos alunos, todos acostumados a serem recebidos com o olhar do outro lado da tela, um rosto, um sorriso e palavras. Mas a professora não estava. A pergunta era: o que aconteceu? Minha amiga logo me enviou mensagem: "Márcia, já estamos aqui, aconteceu alguma coisa?" A música Clássica do Wilhelm Richard Wagner *A cavalgada das Valquírias* era ouvida pelos alunos em alto e bom som. Experiência sonora para que tivessem um estranhamento e saíssem do amortecimento diário. A música foi sumindo e a voz da facilitadora começou a ler o texto de Nietzsche e um de Derrida, sem imagem, somente a experiência de ouvir com os olhos curiosos na tela do computador.

Após o despertar das sensações, a facilitadora aparece e assim começam as apresentações e as percepções relatadas por cada aluno. Neste primeiro momento, "os ossículos" que amortecem o barulho do despertar do ser não conseguem "mediar o som e as vibrações sonoras" que são despejadas no ouvido, dessa forma ele não consegue impedir o bater do martelo para "conter e equilibrar as pressões internas e externas", assim sendo o barulho explode no labirinto, desce pelo

caracol a percorre todo o corpo dos alunos presentes. Nesse instante mágico, eles experimentam "ouvir como os olhos". Experimentar é mais educador do que o falar e falar. Experienciar a palavra diante dos olhos que ouvem realiza o milagre do aprendizado que se eterniza no ser, assim sendo, mesmo esquecendo a palavra escrita e dita, os olhos que aprenderam a ouvir jamais esquecerão a experiência de atravessar a ponte que liga os olhos aos ouvidos e esses órgãos ao tato, ao paladar, ao olfato. O ser passa a ter a consciência de si e escreve até com os pés, como Nietzsche pondera em seu livro *Assim Falou Zaratustra* (2011*).* O autor que escreve, também com os pés, aponta como deve escrever o bom escritor, e relata: ele escreve "com sangue". Ora, dentro de nós não corre sangue? Vermelho, sangue, identidade, experiência, vivência.

Para escrever é necessário usar todo o corpo, sentir como se uma folha pousasse em sua mão e a mão, ao perceber o toque, não o roubaria para si o instante vivido, mas permitiria o toque perene da folha percorrer todo o seu corpo, despertando sensações e vibrações únicas. Após experienciar essas sensações, todo o corpo saberá qual é a percepção do sensível toque de uma folha na pele nua. Dessa maneira, o escritor escreverá com os pés, pois tem a leveza de uma ave, também, escreverá com o sangue porque a todo corpo foi permitido conhecer a leveza do toque da folha. Nesse instante de novo conhecimento a mão escreve, agora, na folha em branco. Borda com a mesma maestria da escrita, pois uma arte complementa a outra. São labores silenciosos que crescem em meio às danças do corpo e do líquido que percorre o labirinto dos ouvidos, acendendo assim uma dinamite dentro do corpo dançarino, dessa maneira a escrita bordada e o bordado escrito nascem e crescem em harmonia com a palavra ouvida pelos olhos que agora também ouvem.

Após a sensação da música e da palavra ouvida com a tela em branco, iniciou-se uma discussão sobre leitura e escrita tendo como ideia principal o conto "A Noite da Lua Rosa" de Márcia Mendonça Alves Vieira. A autora demonstrou aos alunos como foi a construção da escrita literária do conto. Não se falou sobre teorias do conto ou teorias sobre gêneros literários, mas a conversa deu-se sobre como um escritor necessita de conhecimentos para compor uma literatura. O conto estudado

teve um gatilho que proporcionou a história: gritos e pedidos de socorro advindos de uma mulher moradora do bairro Capoeiras, localizado em Florianópolis. O fato ocorreu em abril e na noite do fenômeno da lua rosa. Tinha-se o enredo, tinha-se várias leituras de vida e de livros. Mesmo tendo experiência em assuntos sobre o feminino, a autora buscou referências sobre o assunto o qual seria viabilizado pela costura da escrita. O corpo do texto contou com pesquisas realizadas sobre:

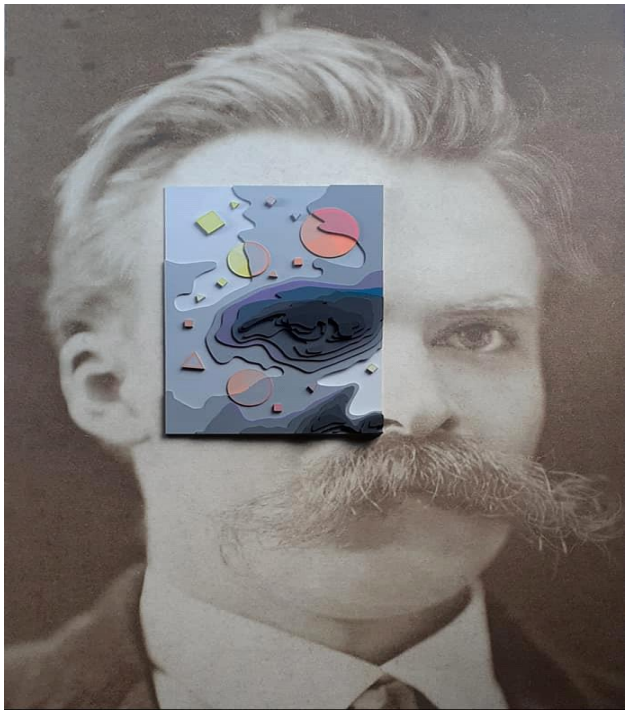
- Aumento do feminicídio em todas as cidades brasileiras desde o início do isolamento.
- Discurso do chefe do poder Executivo afirmando a naturalização da violência contra a mulher em tempos de falta de pão na mesa.
- Qual a história do fenômeno da lua rosa e o porquê deste nome?
- Busca de uma mitologia para agregar conteúdo ao conto.

A facilitadora também apresentou a escrita e a metodologia usada pela autora Angélica Freitas para compor o livro de poesia, a saber: *Um útero é do tamanho de um punho* (2015*)*. Para complementar o estudo foi discutido o texto de Octávio Paz do livro *O Arco e a Lira* (1998, p. 21), um texto sobre o que é a poesia e o poema, por coincidência o autor diz em certo trecho: "o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo". Esta é a percepção que o participante da oficina, ao final deve compreender, pois a escrita e o bordado a se fazer terão como essência a poesia. O caracol que Paz descreve em seu texto é o próprio sentir do corpo aprendendo a ouvir com os olhos, com as mãos, com a pele, com cheiro, com os ouvidos e com todo o seu corpo, o caracol de Paz se liga ao labirinto do ouvido onde o líquido escorre como o som do poema repercutindo por todo o corpo.

Todo o material para a leitura foi disponibilizado pela facilitadora em uma pasta no *Google Drive*. Foi solicitado aos alunos que lessem os textos antes de cada oficina a ser ministrada.

A primeira aula foi realizada para que os alunos percebessem a importância da escrita e da leitura como um elo, para escrever se faz imprescindível ler. Contudo, esse leitor carece de despertar em si os sentidos, ouvir com os olhos e escrever

como um bailarino, segundo Nietzsche: escrever como os pés. A leitura e a escrita são componentes de um corpo que se transforma e aprende a olhar um livro e ver nele várias camadas. Cabe ao leitor atento olhar de todos os lados, bem como em sua profundidade. Para exemplificar a desconstrução de uma leitura atenta, foi assistido um vídeo e um retrato pintado por Nil Roque que gentilmente ofereceu sua arte para a oficina. O olhar de Nietzsche é visto em várias camadas, desconstruído. Foi mostrado com a intenção de despertar no leitor a curiosidade de ouvir e ver além daquilo que é oferecido aos olhos e aos ouvidos em um primeiro instante.



Desconstrução da imagem, Nil Roque

SEGUNDO DIA DA OFICINA

A segunda aula aconteceu no dia 9 de março (primeira turma) e no dia 11 de março (segunda turma). Nessa aula, deu-se continuidade ao processo do aprendizado para o desamortecimento do cotidiano. Um aprendizado para a leitura e a escrita penetrar no mais íntimo do ser humano e ali realizar o milagre do ouvir, com pondera Nietzsche, com o terceiro ouvido. Deixar despertar o

terceiro ouvido para ler e escrever com sangue, como propõe Nietzsche, foi uma proposta ousada em turmas com alunos de idades e escolaridades diversas. Encontrar um ponto que coubesse no tecido de cada um, observando do todo ao único foi uma tarefa prazerosa. Pensar a maneira de atingir o âmago do aluno atento à tela do computador foi uma escalada diária e satisfatória. Ensinar é, antes de tudo, ouvir o singular aluno falando com o olhar que escuta. Perceber a dificuldade e ali no difícil, no incompreendido apresentar um caminho que facilitará a compreensão e o desenvolver do aparentemente complexo.

Na abertura da segunda aula, a facilitadora apresentou as possibilidades do olhar que escuta. O conto *A Noite da Lua Rosa* foi escrito a partir de uma escuta e realizado após algumas pesquisas. Foi bordado por 17 bordadeiras residentes em Florianópolis. Ao bordar, todas as componentes do grupo enviaram os avessos dos bordados para a apreciação da autora. Visto que foi aberta uma página no Facebook e no Instagram para receber a exposição dos bordados, a autora em sua inquietude de ouvir escreveu sobre os avessos. Após a exposição dos bordados nas páginas das redes sociais, a autora começou a procurar tecidos residuais para novas composições, dessa maneira pequenos pedaços de bordados, os que participaram da exposição on-line sobre o conto "A Noite da Lua Rosa", foram transformados em poemas.

Segue o texto sobre o avesso da bordadeira Susan Mariot:

> O avesso ao digerir um elefante sem mastigar precisa de colher lições com o Pequeno Príncipe. Só ele sabe quanto tempo leva a digestão, só ele sabe a necessidade de adormecer para digerir o elefante. Outro ponto a se pensar sobre a jiboia e o elefante, vem da incompreensão do adulto em perceber que o desenho não é um chapéu, mas uma jiboia com o elefante dentro. Só um avesso repleto de rosas vermelhas consegue tirar raio x da alma, somente o avesso que tem em si um jardim do Éden consegue digerir a palavra e transformá-la em constelações no universo. O esperar pacientemente estabelece um estado de sonolência, porém o avesso bem sabe que a gênese do mundo demorou sete dias, mas o resultado da espera foi um fazer perfeito. Disse Deus: Haja luz e houve luz! É esplêndido sentir a luz brotando, como um vaga-lume, crescendo no interior do universo do avesso. Neste instante mágico as estrelas dançam, as galáxias entram em êxtase e os planetas choram. Choram de alegria devido ao encanto da névoa de vaga-lumes. Nada se compara ao universo em harmonia com o bailar do avesso em liberdade. Nele não cabem mais elefantes e seus dedos avessos criam sem se importarem com as palavras

daqueles que vivem na adultidade. Só o avesso que engoliu um elefante e conseguiu digeri-lo tem o poder de experimentar e transmitir de experiências. O homem da linguagem esquece o balbucio infantil, dessa maneira, quando aprende a falar e a significar o mundo por meio da linguagem, esquece a infância sem as palavras e tudo passa pelo arbítrio do laço de Ferdinand de Saussure, porém o avesso, ainda em estado dormente, e não sai do jardim do Éden e consegue, sem palavras, observar que o chapéu não é um chapéu, mas sim um elefante dentro de uma jiboia. Walter Benjamin já dizia: "só pode estudar o todo através da sua determinação pelos detalhes". Dessa forma, o aprendizado do avesso adormecido começa quando ele desperta após digerir o elefante e brincar com a liberdade da ante-palavra. Assim, poderá ver os detalhes de quando tudo era inocência e Eva chamava as coisas pelo nome. Por fim, O Pequeno Príncipe vem neste dia quente alertar: "Não sei o que se passa comigo, esta atração me liga ao solo; quando as estrelas estão imantadas". O avesso balbucia alegrias ao encontrar-se nu no jardim do Éden e dança repleto de *Pathos* por reconhecer as linhas que contornam a alma, visto que: "Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos".
...e a rosa é vermelha,
...e chove!

Márcia Mendonça Alves Vieira

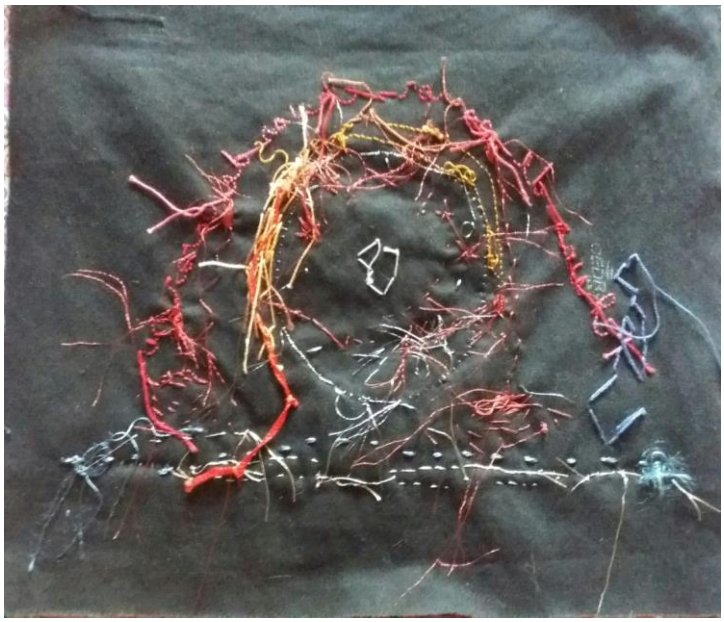


Imagem do avesso da Bordadeira Susan Mariot.

Segue o poema sobre o retalho do bordado da Susan Mariot:

na delicadeza da hora morna, vênus olha.
na espuma do mar o esperma cai.
o espelho convexo distorce a imagem.
serpenteia silêncios em forma de ostras.
conchas, pérolas, gotas vermelhas dentro do mar.
a boca se fecha, a palavra amortece,
o encontro é fatal.

as conchas formam relevos desiguais,
irregulares.
se prendem nas rochas, bebem água do mar.
profundo é o mistério que envolve o nascimento das pérolas.
da vênus, deusa do amor no mar.
estão ali, amalgamadas às conchas.
mistério, encanto, beleza.
são três anos para que a completude do ser se estabeleça em diversas cores.
a rara é a negra.
o fundo do mar se agita como um corpo em busca
de defesa.
no lugar da procura, da resistência,
a vida inaugura linhagens.
o espelho reflete a dança
da aparência de corpos estranhos.
grãos de areia.
parasitas,
se escondem sob o manto.
nascem madrepérolas,
após o confinamento.
o espelho convexo distorce,
o mar negro se acalenta.
o processo é lento.
necessita de uma escuta voltada para dentro.
o mar é sonoro
a alma é bordada do mais puro vermelho,
contrasta com as ondas
no espelho.
a dor acumulada,
quando pousa em gotículas serenas,
descem como luzes a encantar a escuridão
do mar adentro.
a calmaria só surge
na camada submersa
ali o mar clareia.
na liberdade do ser,
a si próprio verá
despida da solidão
o seu próprio poema encontrará.
já não é mais um só poema
o espelho reflete e diz:
ah, menina, o seu reflexo é só poesia.
o oceano pariu uma coletânea. assim
a poesia se confundiu com o poema.
a pérola é negra, o mar concebe a vênus.
o espelho é convexo
ainda há muitos poemas a serem escritos.
vênus com sua nudez infinita, dança
e a rosa é vermelha,
bem no fundo do mar,
dança e olha o espelho!
e chove!
o campo de visão está ampliado!

Texto: Márcia Mendonça Alves Vieira

Imagem do retalho de Susan Mariot.

Nessa aula, os alunos tiveram contato com os livros da autora Carolina Maria de Jesus *Quarto de despejo* (1998) e *Diário de Bitita* (2007*);* O livro *Delírio de Damasco* (2012) de Verônica Sttiger e *Rilke Sake* (2007) de Angélica Freitas. A discussão principal foi gerada ao redor dos livros *Quarto de Despejo e Diário de Bitita,* a proposta foi mostrar aos alunos que não é necessário ter uma graduação ou mestrado ou doutorado para que se possa ser um escritor. Carolina Maria de Jesus tinha o segundo ano primário, hoje corresponde ao terceiro ano do Ensino Fundamental. Carolina não tinha estudos acadêmicos, mas apesar da extrema pobreza e da falta de recursos estudantis a autora reinventa-se e escreve com maestria a sua obra.

Carolina Maria de Jesus descreve em seu livro *Diário de Bitita* (2007), que lia e isso era para ela uma inesgotável fonte de conhecimentos. A autora cita nesse mesmo livro, em um capítulo por nome: *A Cultura*, episódio de conhecimento e perseguição sofrida pela autora ainda jovem na cidade de Sacramento MG. Enquanto convalescia de uma enfermidade lia Camões, sentada na frente do

barraco em que morava com a sua mãe. Ao ler Camões a pequena Bitita contava com a ajuda de um dicionário. Isto causou grandes problemas para a menina, pois o dicionário era um livro grande e começou um boato que o livro grande era o livro de *São Cipriano*, ou seja, um manual de feitiçarias. Logo vemos que a árvore do conhecimento, ainda hoje, causa expulsão do paraíso. Foi tanto o alvoroço causado devido à leitura que Carolina e a mãe acabaram presas. Conta a autora que a mãe, sábia senhora, a enviou para outra cidade para que Carolina não sofresse represálias ainda maiores por estar lendo diariamente. O livro Diário de *Bitita* conta a infância e a adolescência da autora.

O livro *O quarto de despejo* é o diário da vida da autora na favela do Canindé, às margens do rio Tietê, na cidade de São Paulo. Qual a importância dos livros de Carolina Maria de Jesus em uma oficina em conjunto com a BPSC? Essa autora é uma fonte de conhecimento, o aluno ao ler os seus livros percebe que não existe nenhuma fórmula mágica para poder escrever, mas existe um caminho que pode levar qualquer pessoa a ser um escritor: esse caminho é a leitura, a sede de conhecer não somente livros, mas pesquisar, compreender, ouvir o que as palavras querem falar dentro de si. Carolina aponta a trilha da sabedoria e o saber, necessariamente, não se aprende nos bancos escolares, mas é algo inerente ao ser humano, ou seja, a busca do conhecimento além daquilo que se é oferecido nos bancos escolares. A facilitadora deixa bem claro que não é contra a Academia, ao contrário, considera importantes os títulos conquistados na Universidade. A intenção é mostrar que, para apoderar-se da leitura um escritor e leitor necessita ter consigo visão crítica. Faz-se preciso ir além daquilo que é oferecido, ou seja, não somente ler o clássico Camões, mas, ao ler ter em mão um dicionário; pesquisar sobre a época gloriosa das grandes navegações; conhecer os mitos que fazem parte da obra *Os Lusíadas;* ter conhecimento da riqueza cultural que a leitura proporciona ao leitor atento. Ler é mergulhar no oceano e descobrir a beleza que se esconde até naquele lugar no qual a luz não chega. Ler e escrever são como um tatear a escuridão do oceano ouvindo a música que vem das ondas revoltas do mar. Ler é apoderar-se e empoderar-se com os conteúdos advindos da riqueza dos livros. Esse oceano inesgotável de conhecimentos gera, naquele que ousa mergulhar nas águas profundas, um espírito com conhecimento e experiência.

Carolina tinha o seu próprio conhecimento como mulher em um contexto social, cultural e histórico. E ela sabia disso, mas a autora não se privou de conhecer a leitura e mergulhar nesse mundo repleto de possibilidades. Carolina foi uma leitora ávida por mergulhos em mares intensos e imensos.

A partir desse pressuposto perguntam: "Como tatear e ouvir a escuridão do oceano?" Carolina Maria de Jesus é expert neste assunto: ela colhia seus escritos no oceano escuro do cotidiano. Ela ouvia junto com os seus filhos a música de Verdi em seu quarto de despejo na favela do Canindé e ali ela tinha um oceano dentro de si. Ela mergulhava no mais profundo das águas, de olhos fechados, e trazia as mãos cheias de letrinhas para escrever o cotidiano difícil, o qual ela enfrentava. Carolina explorava o mundo em todas as suas minúcias. Escrevia sobre a formação da sociedade, sobre política, sobre relações sociais, sobre nutrição, sobre cores e sobre poesia, pois a fome é da cor amarela e promove tonturas igual a cachaça. Nada mais trágico e poético do que colorir a fome.

Após a leitura e compreensão dos escritos da autora Carolina Maria de Jesus, passou-se a falar da escritora, professora doutora, jornalista e crítica de arte Veronica Stigger. A obra comentada foi *Delírio de Damasco.* Esse livro de poesia é composto por tercetos e curiosamente foi escrito a partir de ouvir conversas na rua. Aqui, encontramos outra autora que busca o tecido da escrita no dia a dia. A autora fez um livro de poemas com palavras capturadas nas conversas dos passantes, mas o interessante é que ela escreveu literalmente as palavras ouvidas. Exemplo: "Tem uma coxinha/ famosa/ Quer comer agora?" (2012, p. 12). "As vacas só/ existem/para me alimentar." (2012, p. 18).

Outra autora apresentada aos alunos foi a Angélica Freitas. Na primeira aula foi discutido o livro de poema *Um útero é do tamanho de um punho,* na segunda aula foi discutido o livro de poesia *Rilke Shake.* No primeiro momento da oficina, as leituras foram de livros que percorreram um caminho de pesquisa para compor esse livro. A autora a chama de laboratório de escrita. Já nessa segunda aula foi apontado um modo de escrever em que a principal ferramenta é o cotidiano, e até uma despretensiosa conversa de rua. Angélica Freitas conta que a escrita de *Rilke*

Shake, foi a partir de escritos em pequenos papeis que deixava na mesa de trabalho quando ela trabalhava como jornalista.

Nesse dia foi apresentado, também, um livro surpreendente de microcontos chamado *Micro Contando* (2019) tendo como autores Márcio Markendorf e Adriano Salvi. Microcontos são "narrativas de curta ou curtíssima extensão, construída por meio de uma linguagem sintética e concentrada: com menor número de recursos, busca ao máximo de efeito", como discorre Márcio Markendorf em uma oficina ministrada na *Feira Literária de Bonito* (FLIB, 2021), a qual se encontra disponível em um canal no *YouTube*[1]. A exemplo de microliteratura: "Contrata-se: Revisor de textos para estúdio de tatuagem. Entrada imediata" (2019,p. 83); 'Negócios da China: "E o que você fez com todos os seus sonhos?"'; "Troquei por um emprego que pagasse as contas."". (2019,p. 49).

A proposta de apresentar diversas maneiras de compor uma escrita literária é fazer o aluno perceber o cotidiano e a sua riqueza em histórias, poesias, narrativas próprias. A experiência de vivências são fios que conduzem ao labor da escrita. Sem experimentar o dia a dia o escritor se faz ausente da própria história. Cada ser humano é responsável pela sua narrativa, a História se faz a partir do olhar que escuta e experimenta o viver. Experiência vem do latim *experientia,* ou seja, conhecimento obtido por meio de várias tentativas. *Experiri*: testar. Formado por *Ex*: fora, mais *Peritus*: testado com conhecimento. Nota-se que é preciso sair de si para poder adquirir conhecimentos. A partícula *Ex* já aponta como primordial requisito para ter-se experiência o sair para fora, ou seja, ampliar o campo de visão e de escuta. Além da própria vivência como fio condutor para a escrita, apresentar variadas possibilidades de se fazer literatura motiva o aluno a ler mais, bem como sentir segurança em escrever. Foi mencionada a importância da escrita diária para conquista da capacidade de transitar entre os textos, ler e escrever são labores diários daqueles que desejam caminhar pela trilha da escrita.

[1] Você pode acessar a *oficina on-line de criação: Microcontos - Prof. Márcio Markendorf*, em https://www.youtube.com/watch?v=KK0M7tu7zo8&ab_channel=FeiraLiter%C3%A1riadeBonito

Nesse dia foi proposto aos alunos relerem o conto “A Noite da Lua Rosa” e refletirem sobre “o ouvir um de grito” e escreverem sobre ele. Foi dada a liberdade ao aluno para a escolha da escrita literária que mais lhe aprouvesse: um conto, um poema, um micro conto ou escrever a narrativa que lhe fosse mais pertinente.

TERCEIRO DIA DA OFICINA

No terceiro dia de oficina, ocorridos em 16 de março e em 18 de março, foi dia de conversar sobre a tarefa proposta na aula 2. Cada aluno leu o texto escrito. A facilitadora conversou sobre os textos e solicitou que os alunos reescrevessem os textos seguindo as seguintes orientações:

- Ler em voz alta o que escreveu, se possível olhando para o espelho. Ler e ouvir a sua própria voz no entendimento ou não do que está lendo.
- Refletir se compreendeu o texto e se conseguiu assimilar a ideia que pensou para a escrita.
- Anotar as palavras incompreendidas durante a leitura.
- Anotar o que pode melhorar para tornar o texto mais coeso.
- Fazer um mapa para localizar a estrutura das ideias dentro do texto.
- Reescrever e ler novamente até perceber que o texto está no caminho certo: coeso e coerente.

Após as discussões sobre os escritos, os alunos tiveram a alegria de aprender alguns pontos de bordados, a expectativa era enorme daqueles que não tinham nenhum contato com as agulhas, linhas e tecidos em branco. Começou a aventura colocando o tecido no bastidor, depois foi a hora da linha entrar na agulha e finalmente aprender o ponto alinhavo. Treinou-se o ponto e já se passou para o ponto cheio. Ainda fizeram o ponto atrás e o ponto correntinha. O intuito da oficina não era que os alunos saíssem do projeto bordando com eficiência, mas mostrar aos alunos que as possibilidades de escuta atravessam as artes. Da escrita surge um bordado e do olhar para um bordado nasce uma escrita. Assim sendo, foi solicitado aos alunos que fizessem um desenho que representasse a escrita criativa realizada por eles, tendo o desenho pronto passa-se ao bordado. Foi dado um

prazo de entrega para a escrita e para o bordado, chegou-se ao consenso sobre o dia 31 de abril. Nessa data seria a entrega das tarefas. Ao conversar sobre escrita e bordado, foi mencionado o poder curativo vindo da arte de desenhar, bordar, escrever. Momentos mágicos de reflexões e cura.

No grupo de *Whatsapp*, formado para que os participantes pudessem tirar dúvidas, foram deixados vídeos com instruções sobre os pontos aprendidos durante a aula para que o aluno pudesse treinar antes de começar o bordado solicitado pela facilitadora. A última oficina seria ministrada no dia 23 e 25 de março, mas foi necessário o adiamento para consumação do aprendizado. A última oficina se deu no dia 30 de março e no dia 1 de abril. Foi conversado com os alunos sobre a mudança para que eles pudessem praticar os pontos e realizar a escrita com calma, visto que tanto a escrita, quanto o bordado necessitam de tempo e paciência para elaborar o pensamento e o aprendizado.

No encerramento, ocorrido nos dias 30 de março e 01 de abril, foi realizada uma breve recapitulação da oficina para que o aluno pudesse perceber que para ler/escrever e bordar demanda tempo, paciência, estudo, pesquisa e experiência (aqui dita como um complexo conjunto de vivências e saberes do ser humano, essa experiência própria e como homem histórico e cultural é mais importante do que um compêndio teórico sobre um assunto).

A facilitadora apresentou aos alunos o livro *Coesão e Coerência Textuais* de Leonor Lopes Fávero. A autora já no primeiro capítulo aponta a estrutura do texto e a sua importância. O aluno foi motivado a ler o livro que está disponibilizado na pasta do *Google Drive*. Também foi apresentado aos alunos a *Minigramática* de Ernani Terra devido ao conteúdo de fácil compreensão a qualquer leitor aprendiz. Os livros: *Dicionário prático de Regência Nominal* e o *Dicionário Pratico de Regência Verbal*, ambos de autoria de Celso Pedro Luft. Para a compreensão da nova ortografia, foi apresentado o livro *A nova ortografia sem mistério* de Paulo Geiger e Renata de Cássia Menezes da Silva.

A escrita é um tecido em branco e para que o escritor possa ali realizar o seu labor é necessário ferramentas tal qual um bordado. Quando estamos iniciando no mundo das artes, carecemos de um aprendizado, de materiais, de pesquisas sobre a arte a ser desenvolvida. Mesmo que seja um pequeno desenho a se bordar, exige um empenho de procura de tecido, de linhas e agulhas (qual a linha e qual a agulha serve para este tecido). É necessário conhecer o mínimo de pontos para realização do bordado. Ao passo que a bordadeira vai enchendo os olhos com a arte, se faz presente o aperfeiçoar do método de bordados. Pontos e pontos vão surgindo, devido aos cursos e às pesquisas realizados por meio da artista bordadeira. O universo do bordado é inesgotável e o aprendizado também é interminável.

Dessa forma, o procedimento ou a arte da escrita segue o mesmo caminho do tecido em branco. Primeiro aprende-se a escrever, a ler, escreve as primeiras palavras e, por fim, entra-se na rede de uma abundante busca de conhecimentos para realização da arte da escrita. Carolina Maria de Jesus foi uma artista da escrita que nunca se sentiu abarrotada de conhecimentos, sempre que olhava para si via que ainda cabia mais um pouco e caminhava, com sapatos velhos e danificados pelo tempo, em busca de mais textura para a sua escrita. Ela escreveu narrativas, diários, poesias, peças teatrais, gravou disco e ainda, com alegria, nas horas vagas, bordava!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim foi o término da oficina *Experimentando o Olhar que Escuta*, uma oficina que lançou o desafio de motivar o aluno ao conhecimento da arte da leitura/escrita/literatura e as possíveis relações com outras artes. Nesta construção de conhecimentos foi lido, além dos textos já citados, o discurso de Zaratustra do livro *Assim falou Zaratustra* (2011) do autor Friedrich Nietzsche, capítulo: *Das três transformações.* Nesse discurso, o autor pondera que o espírito passa por três transformações:

- a primeira é a do Camelo: “O espírito de carga sobrecarrega-se de todas essas coisas pesadíssimas; à semelhança do camelo que corre carregado pelo deserto, assim ele corre pelo seu deserto.” (NIETZSCHE, 2011, p. 37)
- a segunda é a do leão: “No deserto solitário, porém, ocorre a segunda transformação: o espírito torna-se leão; quer conquistar a liberdade e ser senhor do seu próprio deserto.[...] Para criar a liberdade e um Santo NÃO, mesmo perante o dever, é preciso ser o leão.” (*Idem*, p. 38)
- a terceira é a da criança: “A criança é a inocência e o esquecimento, um novo começar, um brinquedo, uma roda que gira por si mesma, uma santa afirmação. Para o jogo da criação é necessário uma santa afirmação: o espirito agora quer a sua vontade: o que perdeu o mundo agora quer o seu mundo.” (*Idem*, p. 38).

Aprender ou reaprender a ouvir com os olhos é chegar à terceira transformação. A arte da criação exige que o homem “perca o seu mundo para conquistar o seu mundo”.

Ouvir com os olhos é proporcionar a si mesmo a desautomação. Automação, segundo o dicionário é: “o sistema pelo qual os mecanismos controlam o seu próprio funcionamento, com a mínima interferência humana”. Assim sendo, o ser humano em seu cotidiano vive “ligado no 220wolts” não consegue desligar-se da tomada que o guia para as tarefas diárias. Para que se possa chegar à terceira transformação, segundo o autor, é necessário dizer “Não” ao mundo e criar o seu próprio mundo. Dessa forma, como criança, pode-se ouvir o som que o Martelo abafa no labirinto do ouvido, deixando esse som realizar o milagre de acordar todos os sentidos e órgãos do corpo humano, para que, como criança, viva desamortecido e possa criar uma arte a partir do cotidiano e das experiências vividas. *Grosso modo*, isso nada mais é do que a frase do Nietzsche, a qual se encontra vezes e vezes nas páginas da internet: “sem a arte a vida seria um erro.” Na realidade não é bem a arte que Nietzsche escreve, a frase escrita pelo autor em seu livro *Crepúsculo dos Ídolos* (1999, p. 39) é: “Quão poucas coisas são necessárias para a felicidade! O som de uma gaita. - Sem música a vida seria um erro.” O filósofo alemão imagina deus cantando canções. O sentido é o mesmo, visto que a

música, para Nietzsche, é a arte perfeita. A música, a dança, enfim, a arte faz parte da criação artística e só consegue atingir a realização artística quem sabe experimentar a vida ouvindo com os olhos e sentindo com todos os sentidos e órgãos do corpo. A dança escreve e borda nos labirintos que percorrem o corpo humano por dentro e por fora.

Para compreensão do texto de Nietzsche e sobre as questões referentes à anatomia do ouvido, a facilitadora bordou em uma página do livro, já puído, um labirinto em que palavras escolhidas foram transportadas para um poema escrito por ela. A página foi tirada do livro: *A Rainha dos Cárceres da Grécia* de Osman Lins.

Segue o poema:

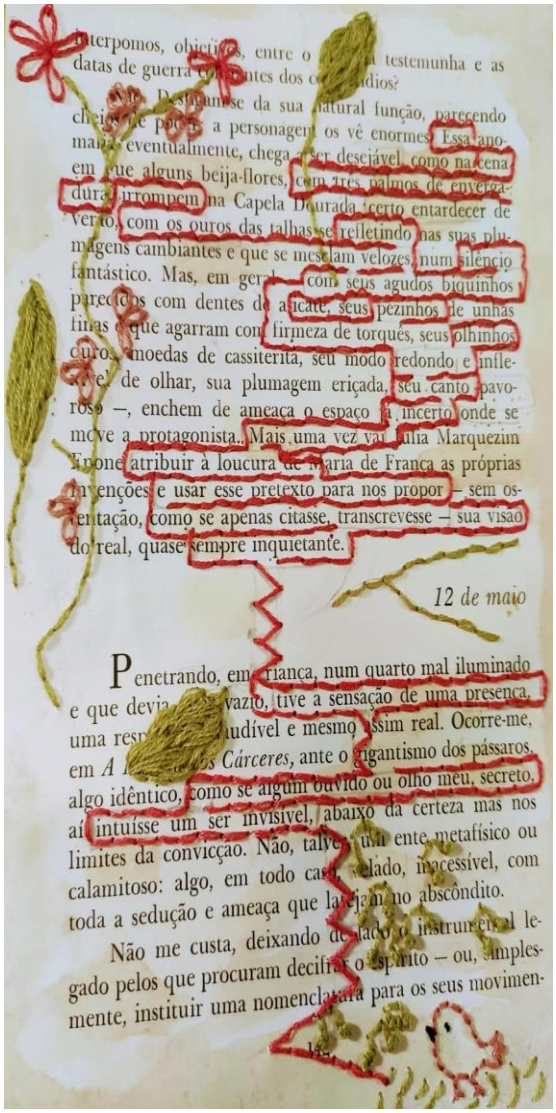
os olhos fecham-se ao tocarem a página em branco,
textura, tecitura, texto, tessitura
unem-se aos significados do texto,
tecitura urdidura do tecido, texto e tessitura como notas musicais. a língua em movimento.
os pés caminham como mãos pelo labirinto, mãos nuas
carregam em si todas as letrinhas em sua essência de palavra. palavra desprovida de conceito.
escorrem pelos ouvidos, o martelo ressoa em sins e nãos,
intensidade, profundidade.
essa cena é como tortura, tontura... caracol, labirinto...
com três palmos de envergadura irrompem, refletindo o silêncio
com os seus biquinhos, pezinhos, olhinhos.
o seu canto incerto!
mais uma vez vai atribuir à loucura,
um pretexto ou será um pré-texto?
para nos propor,
como se apenas citasse ou transcrevesse a sua visão,
visão sempre inquietante,
com a sensação de ver com os olhos!
aistheses!
assim, desta maneira louca,
tive a sensação de uma presença em mim.
como se eu tivesse algum ouvido ou olho secreto
e intuísse em mim,
um ser invisível.
leve, leve
voando entre as colunas do labirinto,
pássaro, criança, dançarina
tecendo a trama com fios invisíveis
dança a escritura,
dança o bordado,
nascem gestados pela procura: a escrita bordada.
é um pássaro e ele pode voar entre o amortecer da vida
ou
escutando com os olhos, sorri,
sorri o riso de viver e

com amor-tecer cada urdidura do tecido em branco,
página sem linhas. infinito é o ser dentro de si.
e a rosa é vermelha,
e chove escritos/bordados,
tecidos como notas musicais

.....no mar.

Márcia Mendonça Alves Vieira.

O poema e o bordado é um resumo da oficina "Experimentando o Olhar que Escuta", assim como é também o aprendizado com a filosofia de Nietzsche que nos aconselha "a arrebentar os ouvidos" "para aprender a ouvir com os olhos" segundo o livro *Margens da Filosofia* de Derrida o qual discute a filosofia do Martelo de Nietzsche.



Fotografia do labirinto bordado em folha de livro por Márcia Mendonça Alves Vieira

ESCRITA E BORDADO

[Textos e bordados realizados pelos participantes a partir da oficina *Experimentando o Olhar que Escuta]*

ANGELITA PEREIRA

A noite de Lua

Toda pessoa romântica gosta do céu,
ainda mais quando é noite de Lua.
Eu fico bem fora de mim e logo começo
a falar com ela.
Pergunto para ela o que tem para hoje Lua minguante?
Ela me responde:
Vejo seu semblante um tanto triste.
Pergunto por quê?
Diz por que perdeu alguém que existe aqui junto de mim.
Volto para casa.
Passado sete dias vou novamente olhar para o céu.
E vejo a Lua crescente.
E ela olha para mim com um leve sorriso.
Pergunto por que esse leve sorriso?
Ela me diz que está ficando quente meu coração.
Saio às pressas e fico com um tanto de emoção.
Mais uma semana se passou e volto olhar.
É dia de Lua cheia.
E quando olho para ela logo pergunto.
O que tem para hoje dona Lua?
Ela me diz que será minha eterna companheira
E quando vi passou mais sete dias
e era Lua nova.
Olhei e não achei ela, comecei a chamar.
Lua, Lua onde você está, não te acho.
Ela falou: Estou aqui no mesmo lugar.
Não te vejo vou ficar aqui e me cansar.
E ela me diz:
Que bom te ver

seu olhar está me dizendo
Que encontrou para amar.

O que jorra do meu VULCÃO

Amaterasu

A luz do sol se foi, a rainha levou consigo. Ela, a mãe da vida e a senhora dos céus. A Rainha levou consigo, mãe da vida, senhora dos céus. Nenhum som foi ouvido quando a estrela central se recolheu para alcova. Ela não queria vingança, apenas paz.

Em sua morada de pedra, o espaço era seu. Ninguém podia tocá-la e suas feridas talvez fossem curadas. Precisava de um tempo consigo e isso era tudo que tinha. Pensou por muito o que havia feito para merecer isso. Havia motivos. Para si, ela não era a vítima, mas sim a causa, tornando-se sua própria inquisidora.

Será que fora o calor excessivo? Mas o calor que banhava os campos trazia vida e alimento. Por muito tempo refletiu sem obter uma resposta. Em sua companhia estavam os piores tipos de demônios, aqueles, os quais todos os seres carregam dentro de si, mesmo sendo um ser divino! Demônios que se regozijam quando a culpa recai no ser humano ou no ser divino. Os piores tipos de demônio vieram lhe fazer companhia. Aqueles que todos os seres, mesmo os divinos, carregam dentro de si. Do tipo que se regozijam na culpa.

Lembrava-se de Uzume, deusa da alegria. Ela era famosa por suas piadas, travessuras e graças, mas chorava sozinha enquanto tomava banho. Aquela que chorava sozinha enquanto se banhava. Neste local suas lagrimas confundiam-se com o lago que sempre se tornava um pouco mais fundo. Dizia Uzume:

— Alegre-se Amaterasu, deusa irmã, nunca deixe que vejam suas lagrimas, apenas seu sorriso. Você foi feita como o adorno supremo, divindade augusta.

A rainha do sol queria ouvir uma voz amiga. Sentia vontade de ser abraçada, ela desejava que tudo passasse. Queria alguém que lhe abraçasse. Queria apenas que tudo passasse.

Havia levado consigo seu quimono da cor do tempo. Fechava as laterais para que o vento frio não levasse o calor que ainda havia em si. Ironia perversa do destino. Aquela que provinha o acolhimento dos raios da manhã, não conseguia manter a temperatura com seu coração.

Escreveu o Kanji “pessoa” na mão e engoliu. Repetiu e pela terceira vez o fez. Dizia para si que aquelas pessoas eram pequenas, irrelevantes, sem honra e indignas. Sem ela não resistiriam mais que uma estação.

Tentou se enganar. Não por estar errada, mas por não acreditar no que pensava. Ela devia ser a indigna. Suas vestes curtas demais. Sua maquiagem não estava perfeita. Seus pés não eram pequenos o bastante. Inumeráveis razões. O que precisava para ser suficiente?

Quando pequena praticava a caligrafia. Seu Shodô era impecável. O pincel deslizava sem pressa no papel delicado. As linhas eram precisas e graciosas. Lembrou-se de quando Susanoo a viu ser elogiada. O caminho da escrita sempre foi natural e fluía por seus dedos de forma magistral.

Susanoo era mais velho, seu senpai. A habilidade era característica do outro gênero. Ela deveria mesmo era cuidar para que sua pele não escurecesse e seus cabelos não embaraçassem.

Um dia, estavam lado a lado praticando. Ele disse com ar de quem sabe tudo e com o tom daquele que oferece um conselho valoroso:

— Irmã, senhora do Sol, sabe o quanto te quero bem não sabe?

— Claro irmão.

— Então permita-me oferecer um conselho. Não fique altiva com elogios, eles veem daqueles que querem lhe roubar a maior das virtudes: a humildade. Prego que se destaca leva martelada. Já ouviu esse ditado?

As palavras ainda ressoavam em seu coração e feriam feito metal. Pontiagudo e afiado. Precisava ser uma boa irmã e a partir daquele dia restringiu suas habilidades. Esforçava-se para que os homens de sua vida sempre estivessem a frente. Dois passos atrás era onde se mantinha. A maior das virtudes era não roubar a atenção para si. Não importa se é a estrela mais brilhante no céu.

Essas palavras ficaram marcadas em sua alma. A lembrança deste dia havia se perdido, mas entre diversas meditações algumas coisas flutuaram a superfície de sua psique. A resposta talvez estivesse dentro de si e naquele lugar ela permanecia.

O tempo passava e do lado de fora da caverna animais brigavam pela última grama verde. Os lagos se tornaram vermelhos quando as algas marinhas se proliferaram com o ferro depositado pelos cadáveres na água. Pouco a pouco a vida se esvaia.

Dentro de seu espaço, Amaterasu buscava se encontrar. Encontrar sua força, sua rebeldia que lhe fora tomada. Não abruptamente, mas minada por cada palavra que ouvia. Cada conselho. Cada vez que fazia o que lhe era esperado.

Quando decidiu abrir a porta naquela fissura na terra. Não por um dos muitos pedidos, súplicas ou desculpas, mas por sua própria vontade e força se deparou com um mundo desolado e fechou os olhos.

Olhou para si mais uma vez, sabia quem era. Não precisava que alguém lhe dissesse. Dentro si um novo universo havia se formado. Um local onde riachos infinitos corriam por relvas verdejantes e entendeu que o verdadeiro mundo havia se formado. Um lugar sem deuses, sem vozes autoritárias, onde uma nova raça podia crescer.

Certamente eles repetirão os erros daqueles senhores mesquinhos por um tempo, mas aquele era um lugar onde suas filhas podiam encontrar seu sol. Desde que conseguissem calar as vozes que enegrecem sua luz.

A lua branca

Quarta-feira de um dia de inverno de 2014. O fenômeno da lua branca que tem por objetivo controlar o campo de visão daqueles que lutam por justiça

Eu dormia como uma princesa dos contos de fadas. Sou mãe e sinto muita gratidão a todos aqueles que zelam pela segurança de todos os cidadãos desse país.

No amanhecer daquela quarta-feira, desperto com um barulho, desperto de um sono profundo com medo na alma, quem faria um estrondo tão cedo.

Levanto tropeçando nos brinquedos que estavam no chão, mas chego até a janela quando surpreendida por um brilho da lua da justiça.

O medo e a vulnerabilidade consumiram meu ser naquele momento, fiquei paralisada diante do brilho, gritos e barulhos (a ave) que trazia a justiça do alto com uma lua branca que invadia as casas a procura de fazer cumprir a justiça. Meus olhos não podiam acreditar em tudo o que acontecia: pessoas corriam, crianças choravam por seus pais que seriam privados da luz da lua. Ao mesmo tempo em que se cumpria o mandato, feriam-se muitas outras pessoas.

Eu, nada sofria no físico, mas minha alma se entristecia ao ver e ouvir aquelas mães, filhos e crianças sofrerem. A luz da lua branca logo perdeu seu brilho para o sol que nascia naquela quarta-feira mais triste para as mães daquele prédio amarelo e verde ao lado do rio Itajaí-Açu.

Hoje, em 2021, tudo está diferente. Algumas mães faleceram, as crianças cresceram e são alvo da lua branca e ainda há filhos privados de ver a lua.

A lua branca traz sua justiça, mas não diminui o sofrimento das mães e mulheres que sofrem com o desamparo da nossa sociedade.

Sobre o conto *A Noite da Lua Rosa*.

O bordado flui em minhas mãos, ao mesmo tempo aprecio a lua que ilumina o céu escuro.

Do quarto ouço a música, *O Alecrim Dourado,* na voz infantil do meu neto que, na pureza, canta para os dinossauros.

Meu coração se enche de amor. Logo somos interrompidos pelo repicar de sinos.

- Por que sinos, "vó"?

-Por que eles estão tocando?

A "vó" responde prontamente:

-Estão anunciando boas notícias, Arthur, estão esperançando, dizendo que tudo passa.

Eu prossegui no meu bordado, já ele, esqueceu o Alecrim, os dinossauros e partiu para uma nova aventura.

SUSAN MARIOT

Era noite!

Escutei um barulho forte e parecia que vinha da varanda da minha filha.

Com o coração agitado abri a porta do quarto e ela disse:

-Mãe, foi a garrafa d'água.

SUZY ZAPAROLI

à flor da pele

pelo som do toque do abrir da maçaneta

sabia se ia dormir ou não

REFERÊNCIAS PARA A ESCRITA DO RELATÓRIO

DERRIDA, Jackes. **Margens da Filosofia**. Tradução: Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães. São Paulo: Ed. Papirus. 1991.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**. Tradução Alex Marins. São Paulo: Ed. Martim Claret. 2011.